

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO PODER E DAS IDÉIAS NO MUNDO IBÉRICO  
PROFESSORA: DENISE ROLLEMBERG  
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

## **A GUERRA CIVIL ESPANHOLA**

### **ANTECEDENTES**

É sempre difícil para um historiador dizer onde começa e onde termina a explicação de um fenômeno histórico qualquer. De fato, o corte cronológico tem mesmo o sentido que se dá à palavra “corte”: ferir alguma coisa, em nosso caso, a compreensão da história enquanto processo, o passado que nunca passa, o passado que está presente no presente, o presente que deixará suas marcas no futuro.

Seja como for, podemos estabelecer como antecedentes da Guerra Civil Espanhola a própria sociedade espanhola pós-1898, ano em que a Espanha perde quase tudo do que restou do seu império colonial para os EUA, e a conjuntura mundial - sobretudo européia - após a Primeira Guerra Mundial e a vitória da Revolução Russa.

Uma compreensão adequada nos obriga a verificar as contradições que vinham de desenvolvendo no interior da Espanha, a evolução dos interesses contraditórios entre as classes sociais espanholas. Contudo, depois das Grandes Navegações, a história de qualquer país – sobretudo um país europeu – não pode ser compreendida sem levar-se em conta as relações deste país com o mundo, relações que interferem nos processos internos que nele se desenvolvem (e vice-versa), o exame da conjuntura mundial. O contexto internacional é, pois, trabalho obrigatório.<sup>1</sup> Não fazê-lo é não fazer história.

### **A ESPANHA PÓS-1898**

---

<sup>1</sup> Se desejamos compreender a árvore, precisamos olhar também para o bosque. Se desejamos compreender o bosque, precisamos olhar também para a árvore. Mas se apenas olharmos para o bosque ou para a árvore, nunca seremos capazes de compreender nem o bosque, nem a árvore, porque o bosque não existiria sem a árvore e a árvore nada seria sem as trocas que faz com o bosque. Olhar para o bosque e para a árvore – sincrônica e diacronicamente – é ser capaz de compreender tanto um quanto o outro. A Espanha é a árvore; o mundo é o bosque.

Em 1898 a Espanha é derrotada pelos EUA no Caribe e no Pacífico. Perde Cuba, Porto Rico e Filipinas.<sup>2</sup> No comando da Espanha, uma Monarquia. Decadência e Monarquia passaram a ser sinônimos na sociedade espanhola. Inglaterra, Alemanha, França e mesmo a Itália estavam mais desenvolvidas do que a Espanha. É evidente que o estado de espírito de uma nação em decadência que outrora teria sido um poderoso império de ultramar pede mudanças.

Se decadência e Monarquia são sinônimos, que se proclame a República...<sup>3</sup>

## A ECONOMIA

Ainda em 1930, 46% da população ativa trabalhava na agricultura, 10% em indústrias rurais. Tanto na agricultura quanto nestas indústrias rurais a produtividade era baixíssima quando comparada à produtividade de outros países europeus mais avançados. A produção de ferro, aço, os estaleiros e as fábricas de papel do País Basco, o setor têxtil da Catalunha e regiões mineiras como Astúrias era o que se tinha de mais avançado. Localizadas ao norte, nestas regiões encontramos uma burguesia moderna e o seu calcanhar de Aquiles, uma classe trabalhadora industrial.<sup>4</sup>

No campo, o latifúndio predominava na Andaluzia, Extremadura e La Mancha, o que não significa dizer que no resto da Espanha não houvesse latifúndios, como em Castela por exemplo. Em muitas outras regiões, sobretudo ao norte de Madri, predominava a pequena propriedade camponesa com todas as suas dificuldades clássicas: baixa produtividade, dívidas, falta de crédito e garantia de preços mínimos, etc. A Reforma Agrária era uma necessidade. De um lado, o latifúndio cercado por miseráveis camponeses sem terra, de outro os pequenos proprietários subsistindo com dificuldades. Este era o quadro no campo.

---

<sup>2</sup> A partir de 1921, no Marrocos, o exército espanhol – na guerra do Rif – passa a acumular vergonhosas derrotas. A vitória do exército espanhol nesta guerra só foi possível em 1927 com a ajuda de tropas francesas. Ao todo, 15000 soldados espanhóis foram mortos.

<sup>3</sup> Pode-se dizer que esta falta de prestígio da Monarquia espanhola encontra algumas de suas raízes em 1808, data em que a Espanha se rende à Napoleão Bonaparte sem oferecer qualquer resistência. Embora a guerra de independência tenha recolocado os Bourbons no poder, tiveram que enfrentar desde então pressões de toda ordem por uma Constituição liberal.

<sup>4</sup> A Espanha recebeu investimentos estrangeiros (capitais europeus e norte-americanos) no seu setor industrial. Portanto, não podemos falar de uma burguesia industrial espanhola independente.

Parte importante das propriedades agrárias ainda pertencia à Igreja Católica, extremamente conservadora na Espanha.<sup>5</sup>

## O PODER POLÍTICO

Monarquia liberal, quer dizer, uma Monarquia constitucional que dividia parte do poder com um parlamento era o sistema político. Uma Monarquia amparada pela Igreja e por um Exército conservador, autoritário e que a partir de 1900 passaria a intervir com mais regularidade na vida política. Podemos dizer que havia uma oligarquia formada por grandes proprietários de terras (incluindo a Igreja), banqueiros e grandes industriais do País Basco e da Catalunha.<sup>6</sup> Com um sistema eleitoral viciado, nos moldes da República Velha no Brasil, a maioria da população estava excluída e suas demandas não encontravam representação no aparelho político, mesmo com o sufrágio universal masculino adotado desde 1887.<sup>7</sup> Eram dois os partidos oligárquicos: o Liberal e o Conservador.

Verifica-se, entre 1898 e 1923, o desenvolvimento de uma camada média urbana que passava a exigir mudanças.<sup>8</sup> Setores mais radicais, como os anarquistas e socialistas, ganham força no período.

Em setembro de 1923, o general Miguel Primo de Rivera põe fim à Monarquia Liberal através de um golpe de Estado, com o aval do rei, rasgando a constituição monárquica e instalando uma ditadura. Imediatamente Rivera põe na ilegalidade a Confederación Nacional del Trabajo (CNT), organização sindical anarquista, combate o nacionalismo catalão e pacifica o Marrocos.

---

<sup>5</sup> “Praticamente identificada com a monarquia e com os conservadores, a Igreja entendia a Espanha como o domínio do poder clerical. Poderosa economicamente, o ensino era seu monopólio: suas escolas haviam alfabetizado e educado mais de 5 milhões de adultos. Através desse instrumento ela pretendia guardar um controle ideológico sobre a grande maioria da população.” ALMEIDA, Ângela M., *REVOLUÇÃO E GUERRA CIVIL NA ESPANHA*, Brasiliense, 1981, p. 14.

<sup>6</sup> A irritação da burguesia vinha do fato de que a Monarquia dava mais atenção aos interesses dos senhores rurais, sobretudo os de Castela.

<sup>7</sup> Data de 1873 a Primeira República espanhola. Dura até 1874. De 1875 a 1923 temos a Monarquia constitucional (Alfonso XII e Alfonso XIII).

<sup>8</sup> “Numa população ativa de 11 milhões, 8 milhões constituíam o extrato inferior, aqueles que mal ganhavam para sobreviver: pequenos artesãos, operários, mineiros, trabalhadores rurais diaristas, rendeiros e pequenos proprietários; 2 milhões compunham a classe média: camponeses médios e pequena burguesia urbana; e 1 milhão constituía a classe privilegiada: funcionários, padres, militares, intelectuais, grandes proprietários rurais e alta burguesia.” ALMEIDA, Ângela M., op. cit., p. 10. Não concordo com a colocação no mesmo conceito de “classe privilegiada” de setores tão amplos e tão diversos e até mesmo internamente estratificados, como os militares por exemplo, mas tal citação deixa bem claro o caráter desigual e excludente da sociedade espanhola antes da Guerra Civil.

Rivera, uma figura impopular, posteriormente é descartado pela oligarquia, pelo exército e pelo próprio rei Alfonso XIII. Em janeiro de 1930, Rivera deixa o poder, entregando a responsabilidade para o rei. A ditadura continua durante mais um ano, tendo como primeiro-ministro o general Berenguer e depois o Almirante Aznar, ambos com o aval do rei.

Cedo ou tarde, qualquer ditadura se desgasta quando não expressa os interesses de amplos setores sociais, ou pelo menos quando não faz concessões aqui ou acolá para acomodar setores mais renitentes e de capacidade de ação política importante. Quando tais mecanismos aliviadores de tensões não operam, a ditadura vai se isolando, vai construindo contra si uma gama enorme de insatisfações das mais variadas classes e camadas sociais de tal forma que a sua queda se torna inexorável. Senão a queda, uma crise política. Foi o que se viu neste período na Espanha. As idéias republicanas, nos finais dos anos 1920, ganham a adesão das camadas médias urbanas mas também de antigos companheiros de viagem do rei. Esses últimos, por sua vez, preocupados com a insatisfação popular, viam numa República moderada (República Democrática Burguesa...) um sistema político mais apto a garantir os interesses da oligarquia, ao invés de uma Monarquia desacreditada.

Em agosto de 1930, representantes de organizações republicanas assinaram em San Sebastián um pacto para derrubar a Monarquia. Em outubro, o Partido Socialista Espanhol, que controlava a Unión General de Trabajadores (UGT) se une aos republicanos num Comitê Revolucionário. Em dezembro, em Jaca (Aragão), um levante de oficiais republicanos do Exército fracassa.

Diante da crise, o rei Alfonso, para diminuir as pressões sociais, convoca eleições locais, que são realizadas em 12 de abril de 1931. Na luta eleitoral confrontam-se monarquistas versus republicanos aliados a socialistas. O caciquismo monarquista ganha no campo mas na maioria das cidades vencem com facilidade os republicanos e socialistas, que ganham as eleições<sup>9</sup>. O rei não vê outra saída a não ser abdicar.

Em 14 de abril de 1931, um Comitê Revolucionário assumi o Governo Provisório da Segunda República.

A Segunda República enfrentará a contradição principal de todo novo governo que é a de resolver os problemas sociais dos grupos que lhe levaram ao poder, e as dificuldades econômicas do Estado espanhol, herança da Monarquia.

## O MUNDO E A EUROPA DEPOIS DA 1ª GUERRA MUNDIAL E DA REVOLUÇÃO RUSSA

A transição do domínio do capital comercial, monopolizado sobretudo pela Espanha e Portugal, para o domínio do capital industrial e financeiro foi capitaneada pelas nações que primeiro:

- resolveram seus problemas internos de unificação política e territorial;
- experimentaram revoluções burguesas que limpam o caminho para o desenvolvimento do capitalismo industrial e financeiro; e
- varreram para o lixo da história relações de produção pré-capitalistas em seu território.

Não é difícil constatar que falamos aqui da Inglaterra, da França e dos EUA.

Tal não foi o caso da Alemanha e da Itália, por exemplo, que só entram efetivamente no cenário mundial como potências aptas a reivindicarem a sua parte do botim no final do século XIX, após resolverem seus problemas na construção do Estado-Nação.

Como comércio e guerra sempre caminharam juntos na história, temos a Primeira Guerra Imperialista Mundial (1914-1918). A Alemanha, derrotada nessa guerra, enfrentará o espectro do comunismo em seu território. Inventará o nazismo, primo do fascismo italiano. A luta pelo mundo continua. Os que perderam inicialmente o bonde da história, no que se refere ao desenvolvimento capitalista, queimam novas etapas e se apresentam no período pós Primeira Guerra Mundial insatisfeitos novamente, mais armados do que nunca, dispostos a novas guerras pela repartição do planeta. Teríamos a Segunda Guerra Imperialista Mundial (1939-1945).

Neste cenário sombrio surge um dado novo: o socialismo vence na URSS (1917) e, por sua vez, entra no jogo das potências mundiais. Cercada inicialmente por um “cordão sanitário”, vai resistir e sobreviver, vai se industrializar também queimando etapas, vai se armar para proteger o seu novo modo de vida, vai participar da geopolítica global.

Temos aqui, portanto, antes do início da Guerra Civil Espanhola, três interesses internacionais em jogo: as primeiras potências capitalistas (Inglaterra, França e EUA), mais ou menos satisfeitas com a repartição do mundo; as potências capitalistas que

---

<sup>9</sup> Total de eleitores: 9,5 milhões. Votos da Frente Popular: 4.838.449. Votos a favor da Frente Nacional

vieram depois (Alemanha, Itália, Japão), insatisfeitas com a repartição do mundo, dispostas à guerra para refazê-la; e a primeira grande potência socialista (URSS) deseja de ampliar sua influência geopolítica no mundo.

Ora, não é novidade afirmar que sempre foi um sonho de consumo das potências capitalistas, todas elas (Inglaterra, França, EUA, Alemanha, Itália, Japão) a destruição do socialismo soviético e a sua substituição por um capitalismo neocolonial. Também não é novidade o fato de uma potência socialista - num mundo que deveria só pertencer à burguesia - ser um corpo estranho cujo “mal exemplo” precisava ser exterminado.<sup>10</sup>

Não nos esqueçamos de que em 1929 o mundo capitalista enfrentava a sua crise de superprodução, a depressão mundial da economia empurrava muitas classes dominantes para soluções de força, totalitárias, que encontravam no fascismo uma saída à alternativa comunista. A Espanha foi atingida em cheio pela crise de 1929.

Na década de 1930, o quadro internacional é este, grosso modo. E é dentro deste quadro internacional que se desenvolve a Guerra Civil Espanhola.

---

(direita): 3.996.931. Votos a favor da coligação de centro: 449.320.

<sup>10</sup> “A verdadeira causa da inatividade da Inglaterra e da França durante a guerra germano-polaca não era essa [política de apaziguamento, idéias defensivas] mas sim os objetivos políticos dos círculos governantes desses países traçados ainda antes do início da guerra germano-polaca. A Polónia foi por eles conscientemente sacrificada aos hitlerianos em nome de um plano há muito amadurecido: afastar as tropas fascistas alemães para junto das fronteiras da URSS e facilitar-lhes a movimentação para a agressão contra a União Soviética. Prova disso foram as persistentes tentativas da Inglaterra e da França para resolver as contradições com a Alemanha através das conversações à custa dos interesses de outros países, e a ruptura das conversações de Moscovo no Verão de 1939 sobre a conclusão de uma aliança militar entre a URSS, a Inglaterra e a França para rechaçar conjuntamente a agressão fascista. Essas e outras ações das <<democracias>> ocidentais convenceram os nazis de que a invasão da Polónia não suscitaria qualquer reacção perigosa por parte da Inglaterra, da França e dos EUA.” KULKOV, E., RJECHESKI, O., TCHELICHEV, I., *A VERDADE E A MENTIRA SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL*, Edições Avante!, Moscovo, 1983, pp. 83-84.

“O país dos soviéticos era para o imperialismo alemão e para todo o bloco militarista fascista o principal obstáculo no caminho do estabelecimento do domínio mundial. O fascismo alemão, actuando como grupo de choque do imperialismo internacional, encarava a guerra contra a URSS como tarefa decisiva da sua política (...), pretendia não só conquistar o território do Estado soviético mas também destruir o regime social e estatal soviético, isto é, tinha um objectivo de classe. **Nisso consistia a diferença radical da guerra da Alemanha fascista e dos seus aliados contra a URSS relativamente às guerras por eles conduzidas contra os países capitalistas** [grifo meu]. O ódio de classe ao país do socialismo, o desejo de conquista e a essência feroz do fascismo fundiram-se na política, na estratégia e nos métodos de condução da <<guerra a Leste>>. [§] Os hitlerianos planejavam desmembrar e liquidar a União Soviética e formar no seu território quatro comissariados do Reich – províncias alemãs. Propunham-se arrasar e soterrar Moscovo, Leninegrado, Kíev e várias outras cidades, e varrê-las por completo da face da Terra. <<Trata-se de uma luta pelo aniquilamento (...). A Leste, a própria crueldade é um bem para o futuro>> (...), declarou Hitler numa reunião dos seus generais em 30 de Março de 1941. A direcção nazi exigia o extermínio implacável, não apenas dos militares do exército soviético mas também da população civil da URSS. Apostava-se no extermínio físico da maioria dos soviéticos, portadores da ideologia do marxismo-leninismo.”. Idem, pp. 106-107. É claro que a leitura desta historiografia deve ser feita com cuidados, já que exagera alguns aspectos em defesa da URSS. Mas que o diga, como contraponto, o plano Barbarossa.

## A SEGUNDA REPÚBLICA

### AS CLASSES E CAMADAS SOCIAIS EM LUTA

A Espanha não conheceu uma revolução burguesa à francesa. Pelo contrário, “*Décadas antes de 1931, a burguesia industrial e financeira da Espanha tinha se associado à Monarquia e à classe dos proprietários rurais.*”<sup>11</sup> É possível ver certa similitude entre o caso espanhol e o caso brasileiro? Acredito que sim, sobretudo porque havia capitais europeus e norte-americanos envolvidos no setor industrial, o que nos permite pensar na possibilidade de a burguesia espanhola se ver na contingência de aceitar uma participação associada, periférica e dependente do imperialismo, uma acomodação de interesses com o latifúndio – via “Estado Novo” – e o controle rigoroso dos setores populares.

As camadas médias urbanas eram formadas por advogados, médicos, burocratas, escritores, jornalistas, professores, acadêmicos, pequenos comerciantes, enfim, descrentes com a Monarquia desde 1920 e inclinadas às idéias republicanas e democráticas, mas nem por isso revolucionárias. Podemos dizer que lutavam por um liberalismo político (democracia burguesa) e uma melhoria das condições de vida de toda a população. Não pensavam numa ruptura radical como os anarquistas. Eram republicanos reformistas, no sentido positivo do termo: almejavam reformas modernizadoras e socialmente inclusivas.

Uma parte destas camadas médias tinham posições mais avançadas (republicanos de esquerda), como o anticlericalismo radical. Estavam representados em vários partidos. É evidente que num país como a Espanha cuja Igreja detinha o monopólio da educação e o poder econômico de uma grande proprietária de terras, qualquer anticlericalismo radical pressupunha já uma inclinação para posições que cedo ou tarde trariam conflitos de grandes proporções.

Os trabalhadores estavam aglutinados na Unión General de los Trabajadores (UGT), uma central sindical fundada em 1888 e controlada pelos socialistas, e na Confederación Nacional del Trabajo (CNT), fundada em 1910 e controlada pelos anarquistas, mais precisamente, pelos anarco-sindicalistas.

---

<sup>11</sup> BLINKHORN, Martin, *A GUERRA CIVIL ESPANHOLA*, Ática, São Paulo, 1994, p. 23.

Dentro do campo socialista, havia basicamente duas correntes: uma buscando apenas a democracia burguesa, a outra que considera a conquista da República como uma etapa para a conquista do socialismo.

Os anarquistas, ao menos em teoria, eram contrários a atividades políticas, ou seja, militância partidária, participação em eleições e muito menos representação parlamentar. A luta era via sindicato. Estes deveriam se preparar para greves gerais revolucionárias. Nessas greves, o Estado seria derrubado e no lugar dele a sociedade se auto-regularia através da democracia direta exercida nos sindicatos e demais organizações populares.

Tanto os anarquistas quanto os socialistas disputavam o apoio do campesinato.

## MOVIMENTOS NACIONALISTAS

O estudo sobre a Guerra Civil Espanhola atinge elevados níveis de complexidade não apenas pelos interesses internacionais em jogo, que serão abordados mais adiante, mas também por tratar-se de um país que sempre teve a sua unidade político-territorial mal resolvida.

É o caso da Catalunha, com identidade cultural e lingüística diversa da espanhola, além de uma experiência industrial que lhe fazia destoar do atraso geral da Espanha. Uma oligarquia industrial insatisfeita pelos privilégios de uma oligarquia agrária atrasada mobilizava estes sentimentos propondo não a ruptura com a Espanha, mas um tratamento especial, uma maior autonomia política.

É o caso também do nacionalismo basco, considerado reacionário pela maioria dos republicanos e socialistas. De cultura singular, uma língua de difícil compreensão, eram católicos devotos e tinham posições racistas em relação aos espanhóis. Contrários à industrialização, talvez por ter trazido consigo muitos trabalhadores espanhóis.

## A IGREJA E O EXÉRCITO

A Igreja Católica era monarquista e nunca aceitou a República. Era conservadora, fazia parte da oligarquia agrária com tudo o que essa oligarquia trás dentro de si: despotismo, o emprego sistemático da violência para resolver quaisquer conflitos, elitismo, defendiam a permanência de tudo como estava.

O Exército sempre foi um defensor do status quo espanhol. Tão conservador quanto a Igreja. Não aceita qualquer proposta que reconheça a autonomia dos catalães e



dos bascos, alegando o desmembramento da “pátria espanhola”, e repudia o princípio da autonomia regional aprovado pelas Cortes (parlamento) em setembro de 1932. No curso da luta revolucionária, a futura Frente Popular vai dissolvê-lo logo em julho de 1936.

#### A SEGUNDA REPÚBLICA: 1931-36

De 14 de abril de 1931 a setembro de 1933, os governos espanhóis foram compostos por republicanos e socialistas. ALMEIDA classifica esse primeiro período como “republicano reformista”. “*A composição do primeiro governo republicano refletia fielmente o retrato das forças que haviam lutado pela república dentro da perspectiva de sua transformação num Estado democrático burguês tradicional*” (grifo meu).<sup>12</sup> O segundo período, diz a autora, iria até 1936, composto já por “governos de direita”.<sup>13</sup> Faz sentido.<sup>14</sup>

Mesmo com a aprovação de leis importantes neste período (1931-36), como a Lei da Reforma Agrária (setembro de 1932), manobras de todo tipo da direita impediam a sua execução prática. Tudo isso contribuía para a radicalização do movimento republicano.

#### A VITÓRIA DA FRENTE POPULAR EM FEVEREIRO DE 1936

A partir de abril de 1935, a esquerda republicana e os socialistas dão início a um processo de construção de uma coalizão de esquerda para fazer frente à direita que estava no poder, já havia reprimido levantes em Barcelona e em outras regiões (1934-35) e feito algo em torno de 30 mil prisioneiros políticos, além de terem uma maioria parlamentar em função da posição dos anarquistas que nas eleições de novembro de 1933 decidiram pela não participação no processo, dando vitória parlamentar à direita.

Nasce a Frente Popular.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, Ângela M., op. cit., pp. 13-14.

<sup>13</sup> “A história da república espanhola de 1930 a 1936 pode ser dividida em dois períodos. O primeiro, período republicano reformista, que vai até 1933. O segundo, período de governos de direita, que vai até 1936.” Idem, p. 13.

<sup>14</sup> Contudo, a nova Constituição, aprovada em dezembro de 1931, era extremamente revolucionária no que se refere ao anticlericalismo, por exemplo. A Espanha deixa de ter uma religião oficial, é reconhecida a liberdade de culto, o divórcio é legalizado, os salários do clero deixam de ser pagos pelo Estado, é dissolvida a Ordem dos Jesuítas e determinada a nacionalização de suas propriedades, a exclusão das outras Ordens da participação na educação, na indústria e no comércio.

<sup>15</sup> A Frente Popular agrupava a União Republicana de Martínez Barrio, a Esquerda Republicana de Azaña, o Partido Socialista Operário Espanhol (e portanto a UGT), o pequeno partido sindicalista de Angel Pestaña

O programa da Frente Popular continha reivindicações republicanas como a Reforma Agrária, o replanejamento do ensino, a anistia para os presos de 1934 (cerca de 30.000), mas não tocava em questões de carácter socialista. Era um programa, digamos, radical republicano, nada mais do que isso.

A próxima eleição seria em 16 de fevereiro de 1936. A polarização entre esquerda e direita demonstrava o nível a que chegava as contradições na Espanha. Praticamente o centro ficou sem representação política. Alianças de direita versus alianças de esquerda. *“Para a Frente Popular, a vitória da direita levaria diretamente ao fascismo; para a direita, a vitória da Frente Popular seria o início da revolução bolchevique.”*<sup>16</sup>

## **A CRISE DA SEGUNDA REPÚBLICA: O INÍCIO DA GUERRA CIVIL**

1936 – A VITÓRIA ELEITORAL DA FRENTE POPULAR

GOVERNO AZANÃ – MAIO DE 1936

A Frente Popular vence as eleições por uma pequena vantagem, e consegue uma maioria parlamentar. Azanã assume o governo em maio de 1936.

Imediatamente, o presidente Azanã liberta milhares de presos políticos, inicia uma política agrária, educacional e religiosa proposta nos anos 1931-33, restabelece a autonomia da Catalunha, promete o mesmo aos bascos.

Camponeses pobres e trabalhadores agrícolas de diversas regiões antecipam-se às ações governamentais e ocupam grandes fazendas, promovem greves espontâneas e descoordenadas. O clima fica tenso. Uma organização de extrema direita (Falange) promove ações terroristas contra a esquerda. Oficiais gerais do Exército preparam-se a todo vapor para o golpe.

### **O INÍCIO DA GUERRA CIVIL**

Em 17 de julho de 1936, começa a guerra. No Marrocos espanhol e nas ilhas Canárias, assume o comando do movimento rebelde o general Franco. Nos dias 18 e 19 algumas guarnições da Espanha se insurgem e o movimento se estende para o norte.

---

(de origem anarquista), o Partido Comunista Espanhol e o Partido Operário de Unificação Marxista (POUM).

<sup>16</sup> BLINKHORN, Martin, op. cit., p. 47.

Em 22 de julho, data prevista pelos golpistas para a vitória, a Espanha se encontra militarmente equilibrada: nenhum dos lados da contenda tem capacidade para derrotar imediatamente o oponente. Tropas estacionadas na África, com 24 mil homens sob o comando do general Franco, as mais preparadas do Exército, uma vez transportadas para o centro do conflito desequilibrariam a contenda.

Os golpistas vão pedir ajuda militar a Hitler e Mussolini, nada simpáticos à Frente Popular. A Itália envia para o Marrocos, no dia 29 de julho, doze bombardeiros Savoia-81, chegando apenas 9 pois 3 sofreram acidentes no caminho. Hitler, também em julho, procurando resolver o problema do transporte das tropas estacionadas no Marrocos, envia 30 aeronaves de transporte Junkers JU-52. Com a ajuda italiana e alemã, o transporte da maior parte das tropas da África para Sevilha estaria concluído no início de agosto. A partir daí, a ajuda da Itália e da Alemanha passou a ser constante.

A Frente Popular, em julho de 1936, dissolve o Exército e distribui armas às milícias organizadas por sindicatos e partidos políticos. Uma vez não encontrando apoio da Inglaterra, da França ou dos EUA, pede ajuda à URSS que começa a chegar em outubro de 1936.<sup>17</sup>

#### GOVERNO LARGO CABALLERO – SETEMBRO DE 1936

O primeiro governo da Frente Popular era composto por republicanos burgueses. Com a radicalização do processo, assume Largo Caballero em 4 de setembro de 1936, representando os socialistas e comunistas. O processo vai ganhando uma dimensão socialista-revolucionária, o que se confirma com medidas tomadas pela Frente Popular em várias áreas ocupadas, como a coletivização da terra, da indústria e do comércio, medidas que nem sempre contavam com a simpatia de camadas médias urbanas e rurais.

Caballero consegue atrair para o movimento os anarquistas da CNT (Confederación Nacional del Trabajo). Mas a unidade política dentro da Frente nunca

---

<sup>17</sup> “Desde a nomeação de Hitler como chanceler da Alemanha, em janeiro de 1933, Stalin concluiu que o fascismo internacional (...) representava afinal uma ameaça – não só para a esquerda, dentro dos países europeus, como também para a própria sobrevivência da União Soviética. Sua reação foi adotar, em 1934-1945, a política da Frente Popular para resistir ao fascismo. Isto representava o apoio dos comunistas aos governos da “burguesia democrática” ameaçados pelo fascismo, juntamente com esforços soviéticos para conquistar a amizade das democracias européias. **Ao responder ao pedido da ajuda do governo da Frente Popular espanhola, Stalin defendia, portanto, o que ele entendia serem os interesses da política externa soviética.** Naturalmente, se no processo a posição do débil Partido Comunista espanhol podia ser fortalecida, tanto melhor. **Mas o que a assistência soviética (...) absolutamente não pretendia era promover a causa da revolução social na Espanha republicana.**” Idem, pp. 57-58.

existiu. Para os anarquistas, os socialistas, o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), setores da esquerda socialista, a revolução social era o objetivo central da luta. Para os republicanos burgueses e socialistas de direita, a coletivização provocava a desordem econômica e o afastamento das camadas médias urbanas e rurais, e quanto às milícias, estas nunca conseguiriam derrotar as forças golpistas (que se auto-intitulavam nacionalistas); era preciso organizar um exército disciplinado nos moldes convencionais.

O Partido Comunista espanhol apoiava as posições dos republicanos burgueses, pois seguia a orientação stalinista de Frente Popular. A ajuda soviética vai fortalecer a posição dos comunistas.

A crise dentro da Frente Popular chega às vias de fato no início de maio de 1937, em Barcelona (guerra civil dentro da Guerra Civil). Durante 4 dias, comunistas e republicanos burgueses de um lado (PSUC – Partido Socialista Unificado da Catalunha), e do outro, anarquistas e marxistas (CNT e POUM) trocaram tiros, saindo vitorioso o lado dos comunistas.

Esses, por sua vez, exigem de Largo Caballero a dissolução do POUM e a prisão dos seus líderes. Caballero se recusa. Em 16 de maio de 1937, Caballero renuncia e é substituído por Negrín, à frente de um gabinete sem a presença dos socialistas de esquerda e anarquistas.

## GOVERNO NEGRÍN – MAIO DE 1937

Negrín buscava a vitória pragmática com a reversão do caráter socialista-revolucionário do movimento, a afirmação do governo republicano assim como um bom relacionamento com a URSS.

A ajuda soviética chega em outubro de 1936. Até outubro de 1938, tal ajuda significava o envio de armas e munição, mil aeronaves e 700 tanques, combustível, conselheiros militares e as Brigadas Internacionais (quase 60 mil voluntários estrangeiros de todas as partes do mundo).<sup>18</sup>

## O FIM DA FRENTE POPULAR – LUTAS INTESTINAS

---

<sup>18</sup> Para uma discussão quantitativa e qualitativa sobre as Brigadas, ver: MATTHEWS, Herbert L., *METADE DA ESPANHA MORREU. Uma Reavaliação da Guerra Civil Espanhola*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, sem data, pp. 197-227.

A “ajuda” soviética foi, do ponto de vista político, danosa para a Frente Popular, na medida em que junto com a “ajuda” vinham interferências soviéticas de toda ordem em assuntos que a rigor diziam respeito à própria Frente: a composição do governo e a formulação das estratégias, a reversão ou não do processo socialista-revolucionário (a URSS era contra a revolução) e etc. Como já foi visto, a “ajuda” soviética era tudo menos desinteressada.<sup>19</sup>

Mais grave ainda foi quando os soviéticos instalaram serviços de inteligência na Espanha com o objetivo de caçar e liquidar os que discordavam do Partido Comunista espanhol, prática típica de Stalin de eliminação física da oposição.<sup>20</sup>

## A SAÍDA DA URSS E O DRAMA DAS FORÇAS REPUBLICANAS

A energia da Frente Popular vinha da unidade das forças que dela faziam parte. Com a interferência dos soviéticos nos assuntos internos da Frente, buscando fortalecer as posições do Partido Comunista espanhol no interior da Frente, a unidade fragmentou-se.<sup>21</sup> Quando se precisou dela, da unidade política, sobretudo depois que a URSS retira seu apoio à República em fins de 1938, já era tarde.<sup>22</sup>

O que vem depois pertence à história militar do conflito.

---

<sup>19</sup> “A assistência soviética nunca pretendeu equipar a República para a vitória, mas apenas habilitá-la a resistir até a Guerra Civil Espanhola se transformasse em parte de conflito mais amplo, e que a Inglaterra e a França se unissem à União Soviética na luta contra o fascismo europeu.” BLINKHORN, Martin, op. cit., p. 74.

<sup>20</sup> “O monopólio da ajuda exercido pela URSS provocaria ainda uma outra consequência. Não só aumentaria extraordinariamente a importância do PCE [Partido Comunista espanhol] na sociedade em geral, como aumentaria o seu peso dentro do governo. Seguindo a linha de preocupações do stalinismo, os comunistas espanhóis iriam concentrar-se nos postos de polícia. Sob a influência do NKVD, seria criado em 1937 o SIM – *Servicio de Investigación Militar* -, cuja função oficial era a de contra-espionagem face às investidas dos fascistas. Mas o SIM se tornaria na verdade a polícia da esquerda, uma cobertura espanhola às atividades do NKVD na Espanha, “um Estado dentro do Estado”, sobre o qual nem o Ministro da Justiça teria acesso. O SIM e o NKVD espalhariam por todo o território republicano as prisões, algumas clandestinas, onde seria praticada a tortura e de onde muitos presos desapareceriam sem deixar rastros.” ALMEIDA, Ângela M., op. cit., pp. 50. NKVD – (iniciais russas de *Comissariado do Povo para os Assuntos Internos*) organismo mais amplo, criado em julho de 1934, onde foi integrada a GPU (Polícia do Estado), que havia substituído em 1922 as primeiras *Tchecas* da revolução russa.

<sup>21</sup> “Quando o Acordo de Munique, de outubro de 1938, pareceu comprometer esse objetivo [que a Inglaterra e a França se unissem à URSS na luta contra o fascismo europeu], **Stalin deixou de se interessar pela Espanha**, e terminou a ajuda à República, que se encontrava então em situação desesperada. A União Soviética demonstrou assim ser um amigo pouco confiável.” Idem, p. 74, grifo meu. Acordo de Munique: em outubro de 1938, França e Inglaterra firmaram com Hitler e Mussolini um acordo segundo o qual as potências ocidentais entregavam à Alemanha a região dos sudetos, parte do território da Tchecoslováquia, com a promessa de Hitler de que estas seriam as últimas pretensões territoriais alemãs na Europa.

<sup>22</sup> Os soviéticos aceitaram um acordo, em 1938, de retirada das tropas estrangeiras da Espanha (italianos, alemães, russos e brigadas internacionais). No ano seguinte, em agosto de 1939, a URSS assina um pacto de não agressão com a Alemanha.

## **O FIM DA GUERRA CIVIL: A VITÓRIA DO GENERAL FRANCO**

Franco declara o fim da Guerra Civil em 1º de abril de 1939. No entanto, bem antes, no fim de fevereiro de 1939, o regime de Franco já era antecipadamente reconhecido pelos ingleses e franceses.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Guerra Civil Espanhola nos remete a várias questões, algumas de natureza filosófica, ousaria dizer.

Salta aos olhos o banho de sangue que atravessa todo o processo. O ser humano, mesmo aqueles que portam ideologias defensoras do fim da exploração do homem pelo homem, em determinadas condições históricas, é capaz de iniquidades assustadoras.

As paixões, os medos, os desesperos, a coragem levada ao extremo, o heroísmo, os sentimentos mais nobres que moviam os brigadistas internacionais, enfim, a Guerra Civil Espanhola foi capaz de levar todos esses sentimentos a níveis inacreditáveis.

Estudá-la é a um tempo estudar – por que não dizer – a natureza humana, capaz de tudo: de perversidades e de grandezas, de heroísmos e traições, de egoísmos mais vis como também de entregas desinteressadas das mais nobres.

Os antecedentes apenas nos dão uma idéia muito superficial das condições que produziram a guerra. Acredito que ações corajosas praticadas por dezenas de milhares de pessoas, homens, mulheres e quiçá até crianças, refletem uma percepção de que a vida já não é um bem tão precioso assim, e que arriscá-la numa aventura – no melhor sentido do termo – revolucionária pode ser a última chance de se encontrar a morte com dignidade, ou a vida em condições mais dignas de se viver. Nestas condições, qualquer que seja o resultado, será bem-vindo.

O mais belo e o mais pérfido do ser humano se revelaram na Guerra Civil Espanhola, assustadoramente. Mas as revoluções são assim mesmo... Nelas, os atores sociais manifestam a sua grandeza e a sua mediocridade. Nelas, e só nelas, podemos antever – como historiadores – um Novo Mundo ou ... (???) o fim do mundo.

*Evandro de Oliveira Machado  
Em 02 de julho de 2006*